

O emprego formal na indústria de transformação: para além da recuperação?*

Maria Isabel Herz da Jornada**

Socióloga da FEE

Na esteira da retomada do crescimento econômico, o desempenho do mercado de trabalho formal no primeiro semestre de 2010 sugere um movimento de crescimento sustentado para além de uma trajetória de recuperação — que já fora vislumbrada ao longo de 2009, notadamente no segundo semestre. Em consonância com o comportamento do nível de atividade, o mercado de trabalho exhibe recordes sucessivos de geração de novas oportunidades, com acréscimos continuados no nível do emprego com vínculos legais. A trajetória recente do emprego no Brasil — pós-crise internacional — permite uma expectativa de crescimento continuado até o final do ano de 2010.

A economia brasileira cresceu 2,7% no primeiro trimestre de 2010 ante os três meses imediatamente anteriores, registrando o maior aumento nesse comparativo desde a expansão contabilizada no primeiro trimestre de 2004 (2,8%). Diante de igual período do ano anterior, o incremento foi de 9,0%, apresentando o maior crescimento nesse confronto em toda a série histórica do Produto Interno Bruto (PIB), iniciada em 1996. O último trimestre de 2009 já evidenciava a retomada do fôlego da atividade produtiva, com uma variação de 4,3% sobre o mesmo trimestre de 2008 (embora seja uma base de comparação deprimida pelos efeitos da crise internacional) e de 2,3% sobre o trimestre imediatamente anterior. A indústria foi o destaque entre os setores produtivos: o PIB da indústria cresceu 4,2% no primeiro trimestre de 2010 ante o quarto trimestre de 2009 e 14,6% na comparação com o primeiro trimestre de 2009¹.

Um dos pilares do crescimento econômico no primeiro trimestre foi o consumo das famílias que voltou a crescer em patamares mais elevados, próximo ao que foi constatado no terceiro trimestre de 2008. Nos três primeiros meses de 2010, o consumo das famílias cresceu 9,3% diante de igual período do ano anterior. Em meio à crise, no primeiro trimestre de 2009, o consumo das famílias havia subido apenas 1,5%². As desonerações concedidas pelo Governo, principalmente para automóveis, geladeiras e fogões, ajudaram a manter em alta a demanda das famílias.

Os dados da produção industrial, todavia, apontam para a diminuição do ritmo produtivo no segundo trimestre de 2010. A indústria brasileira, após a forte expansão de suas atividades no primeiro trimestre (3,0% frente ao trimestre imediatamente anterior)³, experimentou uma desaceleração na produção no segundo trimestre (1,4% frente ao primeiro trimestre). A produção industrial acumulada entre janeiro e junho de 2010, quando confrontada com mesmo período do ano anterior, revela uma variação positiva de 16,2%, refletindo, sobretudo, a baixa base de comparação decorrente dos efeitos da crise econômica internacional no final de 2008.

Este artigo pretende acompanhar o saldo de admissões e desligamentos dos empregados no segmento formal do mercado de trabalho no Rio Grande do Sul *vis a vis* o Brasil, no período recente. O foco é a indústria de transformação, o setor mais fortemente atingido pela crise internacional e, por isso, o que demorou mais para reagir. Utilizam-se as informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho e Emprego (CAGED/TEM) que, desde 1992, fornece, mensalmente, todos os registros de contratações

* Revisora de Língua Portuguesa: Maria Inácia Flor Reinaldo. Artigo recebido em 02 set. 2010.

** E-mail: jornada@fee.tche.br

A autora agradece à colega pesquisadora Clarisse Castilhos pela atenciosa leitura com críticas e sugestões, muito bem aproveitadas, e ao estagiário de Economia Guilherme Acosta Pereira Nunes pela confecção das tabelas.

¹ O PIB da agropecuária cresceu 2,7% no primeiro trimestre de 2010 em comparação com o quarto trimestre de 2009, enquanto, na comparação com o mesmo período de 2009, a expansão foi de 5,1%. O PIB de serviços registrou expansão de 1,9% no primeiro trimestre ante o quarto trimestre de 2009, e de 5,9% na comparação com o primeiro trimestre de 2009.

² Pela ótica da demanda, o consumo das famílias representou 62,8% do PIB. IBGE. Diretoria de Pesquisa. Coordenação de Contas Nacionais. Sistema de Contas Nacionais.

³ IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria. Série com ajuste sazonal.

e demissões no setor formal regido pela CLT —, exceto os empregados domésticos, trabalhadores temporários e servidores públicos estatutários. Com essa base de dados, capta-se a flutuação mensal de mão de obra, possibilitando um acompanhamento ágil do desempenho do emprego celetista.

1 O comportamento do emprego formal no primeiro semestre de 2010: Brasil e RS

De janeiro a junho de 2010, foram gerados no Brasil 1.473.320 empregos celetistas, equivalentes ao crescimento de 4,43% sobre o estoque de dezembro de 2009, desempenho inédito no mercado de trabalho formal na série histórica do CAGED para o período. Em todo o ano de 2009, foram adicionados 995.110 postos de trabalho com carteira assinada no Brasil (um incremento de 3,11% em relação ao estoque de assalariados formais de dezembro de 2008), sendo de apenas 299.506 no primeiro semestre⁴. Vale lembrar que, no auge da crise financeira internacional (nov./08-jan./09), foram eliminadas 797.515 vagas com carteira de trabalho (Tabela 1).

O emprego formal no RS experimentou um incremento relativo levemente superior ao do Brasil no primeiro semestre deste ano (4,77%), pela adição de 104.654 novos vínculos, marcando, igualmente, um resultado inédito para o período e o melhor desempenho da Região Sul. Contrastando com esses dados, no primeiro semestre de 2009, cresceram-se apenas 5.744 postos, sendo que, no cômputo geral do ano, o mercado de trabalho rio-grandense logrou uma ampliação de 64.226 vagas, um crescimento de 3,01% em relação ao ano de 2008 (Tabela 1).

O setor de serviços liderou a geração de empregos no Brasil no primeiro semestre de 2010, com 33,26% do total, seguido pela indústria de transformação, responsável por 26,75%, pela construção civil (15,61%)

e pelo comércio (6,78%), os setores mais significativos em termos de emprego celetista. No Estado, diferentemente do País, foi a indústria de transformação que “puxou” a criação de postos, contratando a metade dos novos ingressos (50,49%), enquanto o setor de serviços respondeu por 25,60%, a construção civil, por 13,49% e o comércio, por 11,28%.

Em termos de dinâmica de crescimento, o destaque é a construção civil que, tanto no País⁵ como no Estado, alcançou os maiores incrementos relativos no semestre considerado: 10,16% no Brasil e 13,16% no RS. A indústria de transformação registrou o segundo melhor desempenho, com um crescimento de 5,31% no País e de 7,89% no Estado. O setor de serviços, que se notabiliza no plano nacional pelo volume de postos gerados, alcançou uma variação de 3,72% no Brasil e de 3,42% no RS, situando-se, no primeiro caso, atrás da extrativa mineral (5,14%) e, no segundo caso, atrás de serviços industriais de utilidade pública (SIUP) (5,69%) e da extrativa mineral (4,87%) (Tabela1).

O emprego industrial foi o mais afetado pela turbulência na economia internacional; enquanto o setor de serviços e a construção civil começaram a reagir já no primeiro trimestre de 2009 (alcançando saldos positivos entre admitidos e desligados), a indústria de transformação só demonstraria vigor nas contratações no segundo semestre de 2009, quando retomou uma trajetória ascendente. O setor de serviços e a construção civil, por serem pouco dependentes da demanda externa — que despencou com a recessão global —, alcançaram uma recuperação no emprego mais rapidamente do que a indústria, que está sujeita mais diretamente às condições do mercado internacional. A construção civil, ademais, foi beneficiada pelas medidas governamentais de estímulo ao setor, como a redução do IPI em 30 itens de materiais para a construção e o programa habitacional do Governo Federal “Minha Casa, Minha Vida”⁶.

⁴ Deve-se observar que os dados da RAIS para o ano de 2009 apontaram um acréscimo de 1.765.980 postos de trabalho, correspondendo a um crescimento de 4,48% frente a 2008. Conforme esclarece o MTE, o diferencial entre os dados da RAIS e do CAGED pode ser atribuído, dentre outros fatores, à inclusão na RAIS de outros tipos de vínculos empregatícios (estatutários, temporários e avulsos) não contemplados no CAGED, o que torna a cobertura da RAIS superior à do CAGED. Ademais, não são consideradas, no cômputo do índice de emprego do CAGED, as declarações entregues fora do prazo.

⁵ A agropecuária — extração vegetal, caça e pesca —, no Brasil, alcançou um crescimento maior (11,98%), mas exibe escassa representatividade no emprego celetista.

⁶ O Programa, na sua concepção original, prevê a construção de um milhão de moradias para famílias com renda de até 10 salários mínimos, sendo que, do total de recursos destinados, 40% são para famílias com renda mensal de até três salários mínimos. Os financiamentos são para imóveis de até R\$ 130 mil nas regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, de até R\$ 100 mil nas outras capitais e nos municípios com mais de 500 mil habitantes e de até R\$ 80 mil nos demais municípios. O Programa foi concebido como parte de uma política anticíclica, com vistas a aumentar os investimentos na construção civil e a impulsionar a geração de emprego e renda, de forma a minimizar os impactos da crise internacional sobre o emprego no Brasil.

Além das disposições governamentais de enfrentamento da crise que contribuíram diretamente para estimular o mercado interno, deve-se levar em conta os programas de transferência de renda do Governo Federal, notoriamente o Programa Bolsa Família, os reajustes das pensões e aposentadorias do INSS e o crescimento do salário mínimo (SM) acima da inflação, que têm importante papel na preservação do nível da demanda interna, especialmente pelo lado do consumo. O SM, além de seu grande significado para o mercado de trabalho, tem papel fundamental na seguridade social, representando o piso das pensões e aposentadorias do INSS.

Outro aspecto a considerar é que a crise levou a uma desaceleração da inflação, o que também contribuiu para preservar o poder de compra dos trabalhadores. A inflação, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), nos seis primeiros meses de 2010, foi de 3,09%, índice maior que o registrado no primeiro semestre de 2009, mas ainda assim abaixo do centro da meta de inflação para 2010: 4,50%⁷.

Esses dados poderiam indicar que o País entrou numa rota sustentável de crescimento, não só da economia, mas também do trabalho, com uma renda maior que influencia diretamente o consumo da população e faz as empresas contratarem ainda mais. Seria assim, se a alta rotatividade que caracteriza o mercado de trabalho formal no Brasil não estivesse respondendo a uma lógica perversa: enquanto demitem-se trabalhadores com altos rendimentos, contratam-se outros com salários mais baixos. Com efeito, os postos acrescidos nesse primeiro semestre de 2010 concentraram-se nas faixas salariais inferiores, as reduções foram generalizadas para todas as faixas que superaram o patamar de 2,0 salários mínimos. No País, nas faixas em que se paga acima de 2,0 SM, verificou-se perda de 65.165 vagas e, no RS, de 7.980⁸ (Tabela 2).

Se o exame dos rendimentos sugere a criação de postos de pouca qualidade, o olhar na escolaridade dos empregados admitidos e desligados remete a uma outra constatação. A maior parte dos postos acrescidos de janeiro a junho de 2010 localizou-se nas faixas de escolaridade mais altas, notadamente na do ensino médio completo, que concentrou praticamente a metade das vagas geradas no Brasil e no RS. O estrato com o ensino superior completo aparece no Brasil como o segundo em ordem de importância (11,03%), seguido pelo fundamental completo (10,09%); no RS, é o fundamental completo que mostra a segunda maior concentração (14,78%). Além de um movimento de substituição de trabalhadores para rebaixar salários, esses dados indicam que as empresas devem estar contratando trabalhadores com formação escolar acima dos requerimentos de qualificação exigidos pelos novos postos, tendo em vista que o patamar de escolaridade da população como um todo vem se elevando. Ademais, diante de uma conjuntura adversa ao crescimento, como foi o final de 2008 e o início de 2009, mais pessoas desempregadas com qualificação estão dispostas a trabalhar por um salário mais baixo (Tabela 3).

Esse movimento de entrada e saída de trabalhadores no mercado formal de trabalho mostra algo interessante de ser observado: o aumento da proporção de trabalhadores que são demitidos por vontade própria. No primeiro semestre de 2010, 25,84% dos desligamentos no País ocorreram a pedido do próprio empregado e 29,38%, no RS, enquanto, no mesmo período do ano anterior, foram 20,80% no Brasil e 22,58% no RS. Mesmo que a base de comparação esteja comprometida pelo viés da crise, pode-se depreender que uma parcela dos trabalhadores esteja aproveitando a conjuntura de recuperação da dinâmica econômica para alcançar vantagens salariais mediante mudança de emprego.

⁷ O IPCA fechou o ano de 2009 em alta de 4,31%, abaixo do centro da meta de 4,5% definida pelo Conselho Monetário Nacional para o ano. A pesquisa Focus, realizada semanalmente pelo Banco Central para aferir as expectativas dos operadores do mercado financeiro, divulgou, na terceira semana de agosto, a expectativa para o IPCA em 2010 de 5,10%.

⁸ Em parte, isso reflete a valorização do próprio salário mínimo, cujos aumentos acompanharam os ganhos de produtividade da economia, enquanto os salários mais elevados não tiveram reajustes semelhantes. É interessante registrar que, no auge da crise no mercado de trabalho, entre novembro de 2008 e janeiro de 2009, em que o nível do emprego caiu, uma faixa no Brasil (0,51 a 1,0 SM) e duas no RS (0,51 a 1,0 SM e 1,01 a 1,5 SM) lograram crescimento de contingente, contratando mais do que demitindo.

Tabela 1

Saldo (admitidos menos desligados) do emprego formal, por setores de atividade, no Brasil e no RS — jan.-jun./10

SETORES E TOTAL	BRASIL		RS	
	Acumulado	Varição do Emprego (%)	Acumulado	Varição do Emprego (%)
Extrativa mineral	8 801	5,14	293	4,87
Indústria de transformação	394 148	5,31	52 845	7,89
Serviços industriais de utilidade pública	9 862	2,8	1 297	5,69
Construção civil	230 019	10,16	14 119	13,16
Comércio	144 135	1,95	11 806	2,38
Serviços	490 028	3,72	26 794	3,42
Administração pública	21 277	2,87	71	0,23
Agropecuária	175 050	11,98	-2 571	-3,25
Outros	0	-	0	-
TOTAL	1 473 320	4,46	104 654	4,77

FONTE: CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS — CAGED.

Tabela 2

Movimentação do emprego formal, por faixa salarial mensal, no total do mercado de trabalho, no Brasil e no RS — jan.-jun./10

FAIXAS SALARIAIS E TOTAL	BRASIL			RS		
	Admitidos	Desligados	Saldo	Admitidos	Desligados	Saldo
Até 0,5 SM	84 032	54 364	29 668	11 379	7 870	3 509
De 0,51 a 1,0 SM	1 706 478	1 241 647	464 831	98 496	70 867	27 629
De 1,01 a 1,5 SM	4 911 729	4 102 319	809 410	416 954	346 073	70 881
De 1,51 a 2,0 SMs	1 668 210	1 450 548	17 662	104 190	94 763	9 427
De 2,01 a 3,0 SMs	769 034	776 812	-7 778	50 397	52 606	-2 209
De 3,01 a 4,0 SMs	231 963	249 933	-17 970	12 918	14 893	-1 975
De 4,01 a 5,0 SMs	99 446	110 391	-10 945	5 093	6 135	-1 042
De 5,01 a 7,0 SMs	90 790	102 615	-11 825	4 482	5 609	-1 127
De 7,01 a 10,0 SMs	58 232	62 693	-4 461	2 390	3 055	-665
De 10,01 a 15,0 SMs ..	29 953	35 374	-5 421	1 024	1 576	-552
De 15,01 a 20,0 SMs ..	10 797	13 321	-2 524	331	565	-234
Mais de 20,0 SMs	11 142	15 383	-4 241	355	531	-176
Ignorado	61 508	44 594	16 914	5 342	4 154	1 188
TOTAL	9 733 314	8 259 994	1 473 320	713 351	608 697	104 654

FONTE: CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS — CAGED.

Tabela 3

Movimentação do emprego formal, por faixa de escolaridade, no total do mercado de trabalho, no Brasil e no RS — jan.-jun./10

FAIXAS DE ESCOLARIDADE E TOTAL	BRASIL			RS		
	Admitidos	Desligados	Saldo	Admitidos	Desligados	Saldo
Analfabeto	68 411	70 159	-1 748	2 643	2 310	333
Até cinco anos incompletos	492 262	406 359	85 903	22 420	19 916	2 504
Cinco anos completos do fundamental	532 384	460 405	71 979	29 521	27 499	2 022
Seis a nove anos incompletos do fundamental	986 252	875 709	110 543	109 245	97 749	11 496
Fundamental completo	1 454 828	1 306 083	148 745	124 735	109 265	15 470
Médio incompleto	990 615	872 854	117 761	84 521	73 188	11 333
Médio completo	4 228 025	3 500 839	727 186	274 350	225 372	48 978
Superior incompleto	349 886	299 514	50 372	34 950	29 138	5 812
Superior completo	630 651	468 070	162 581	30 966	24 260	6 706
Mestrado	0	0	0	0	0	0
Doutorado	0	0	0	0	0	0
Ignorado	0	2	-2	0	0	0
TOTAL	9 733 314	8 259 994	1 473 320	713 351	608 697	104 654

FONTE: CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS — CAGED.

2 O comportamento do emprego formal na indústria de transformação: Brasil e RS

A indústria de transformação no Brasil caiu para a quarta posição no *ranking* do emprego formal em 2009 (17,86% do total dos empregados) em virtude do volume de postos fechados no final de 2008 e no início de 2009. O setor de serviços é que lidera com 32,12% dos empregos com vínculos legais, seguido pela administração pública (21,27%) e pelo comércio (18,67%). A construção civil ocupa o quinto lugar com 5,12% dos empregados no País. No Rio Grande do Sul, a indústria de transformação tem uma representatividade maior do que no País, ocupando o segundo lugar no *ranking*, responsável por 25,47% do total dos empregados formais. O setor de serviços ocupa a primeira posição na estrutura setorial do emprego gaúcho, com 29,72% do total, enquanto o comércio (19,76%) e a administração pública (16,73%) se encontram na terceira e quarta posições respectivamente. A construção civil, com 3,96%

do total dos empregados no Estado, ocupa a quinta posição. A indústria de transformação, em 2009, empregava 7.361.084 trabalhadores no Brasil e 662.727 no RS.⁹

Em uma rápida caracterização da estrutura do emprego industrial em 2009, tem-se que, no País, os subsetores mais representativos são o de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico e o têxtil, do vestuário e artefatos de tecidos (responsáveis por 25,23% e 13,13% do total dos empregados respectivamente), seguidos pela indústria química, de produtos farmacêuticos, veterinários, sabões e velas e pela indústria metalúrgica, com quase 10,0% cada uma. No Estado, o segmento de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico deslocou a indústria de calçados da sua posição de liderança, assumindo o primeiro lugar, com 19,90% do pessoal empregado, seguindo-se, entre os subsetores destacáveis, calçados (16,71%), metalúrgica (10,02%) e mecânica (9,73%).

⁹ Os dados relativos a estoque de empregados formais foram extraídos da RAIS/MTE 2009.

A perda de participação relativa na estrutura do emprego industrial rio-grandense do segmento de calçados — já verificada em 2008 — é a expressão dos reveses sofridos pelos calçados gaúchos que sofrem dificuldades para enfrentar a concorrência internacional, notoriamente com os calçados chineses. O deslocamento de plantas industriais — parcial ou integralmente — para outras regiões do País que apareceram como novos polos calçadistas, tendo como atração mão de obra mais barata e incentivos fiscais, é outro fenômeno que ajuda a explicar o recuo da atividade e do emprego na indústria calçadista no RS. A produção de calçados no Estado tem fortes vínculos com o mercado externo, o que a torna mais sensível à política de valorização cambial, como de resto todo o Estado, já que o RS tem nas atividades exportadoras um dinamizador da sua economia.

O emprego industrial, que vinha demonstrando dinamismo ao longo de 2008, foi duramente atingido quando a crise internacional alcançou o seu ápice, alcançando taxas acentuadamente declinantes no final do ano, notoriamente no agregado nacional. No final do primeiro semestre de 2009, o emprego na indústria de transformação no Brasil começou a dar sinais de recuperação, sobretudo a partir do mês de agosto, o que representa uma mudança de patamar ante os resultados dos meses anteriores. No RS, a recuperação começa a ser percebida a partir do mês de setembro de 2009. O nível do emprego industrial no plano nacional e estadual segue em trajetória ascendente desde a retomada do ritmo no segundo semestre de 2009.

De janeiro a junho de 2010, todos os gêneros da indústria de transformação no Brasil registraram crescimento frente a dezembro de 2009, com seis segmentos crescendo acima da média do agregado (5,31%), com destaque para a indústria de calçados (11,69%), borracha, fumo e couros (9,66%), material de transporte (7,39%), metalúrgica (7,31%) e material elétrico e de comunicações (7,11%). No outro extremo, com as menores variações relativas, encontram-se papel, papelão, editorial e gráfica (2,45%) e produtos alimentares e bebidas (2,96%). Em termos absolutos, o relevo cabe ao segmento de produtos alimentares e bebidas, à metalúrgica e à têxtil e vestuário, responsáveis por 40,52% dos postos acrescidos pela indústria de transformação no primeiro semestre de 2010, justamente os subsetores que tem maior peso na estrutura do emprego fabril no País (Tabela 4).

No RS, de igual forma, o crescimento do emprego na indústria foi generalizado, com sete gêneros com um incremento superior ao do agregado (7,89%), destacando-se borracha, fumo e couros (27,03%), material de

transporte (11,31%), metalúrgica (9,71%), material elétrico e de comunicações (9,55%). O segmento de calçados, que disparou no ambiente nacional, alcançou um crescimento inferior no Estado (8,69%). Produtos alimentares e bebidas marcaram o outro extremo, com uma variação quase nula (0,09%). Tratando-se do volume de postos acrescidos, os destaques são a borracha, fumo e couros, a indústria do calçados e a metalúrgica, responsáveis por 55,76% do total. Diferentemente do que se verificou no Brasil, produtos alimentares e bebidas exibiu o pior desempenho no semestre, adicionando somente 123 postos (0,23% do total) (Tabela 4)

O contraste entre o desempenho do emprego na indústria de calçados do RS e de São Paulo, no mesmo período (expansão de 27,22%), evidencia que o ritmo de crescimento no Estado ainda não é satisfatório para a recuperação do nível de emprego na indústria de calçados local e chama a atenção para outros obstáculos que estariam afetando o seu desempenho, já que a produção de calçados nos dois estados tem uma marcante inserção no mercado internacional.

Um comentário à parte sobre a indústria do calçados é o de que ela foi beneficiada pela medida “antidumping” editada em 2009 pela Câmara de Comércio Exterior (Camex), que tarifa os calçados procedentes da China, o que contribuiu para a sua recuperação. Todavia, a triangulação praticada pela China para fraudar o sistema “antidumping” levou a um arrefecimento do crescimento do emprego no segundo trimestre. Para enfrentar essas práticas, a Camex regulamentou recentemente (agosto 2010) uma lei que permite que medidas “antidumping” ou compensatórias já em vigor no Brasil sejam estendidas a importações de produtos, partes, peças e componentes de terceiros países, ou seja, naqueles em que for detectada a triangulação¹⁰. Assim, garantem-se condições de competição no mercado interno não danosas para a produção nacional.

Confirmando o que se evidenciou para a totalidade do emprego formal, a geração de postos na indústria de transformação ocorreu exclusivamente nas faixas de até 2,0 SM nos dois espaços geográficos, mais

¹⁰ Segundo o presidente da Abicalçados, os exportadores da China encontraram três formas de fraudar o sistema “antidumping”. “A primeira delas é a falsificação de documentos de origem, o que fica evidente nas “importações” da Malásia. A segunda maneira é a montagem de calçados em terceiros países a partir de componentes produzidos na China, sem a observação dos mínimos de conteúdo nacional para a caracterização de produção deste terceiro país, o que pode explicar a origem dos calçados procedentes do Vietnã e da Indonésia. A outra alternativa encontrada é a importação direta de “calçados desmontados” para serem finalizados no Brasil.” (site da Abicalçados).

acentuadamente na faixa entre 1,0 a 1,5 SM, que concentrou a grande parte dos postos adicionados. Em contrapartida, a maior parte dos novos ingressos concentrou-se no estrato com o ensino médio completo, visivelmente, no Brasil. Repete-se, assim, aquele

mecanismo de usar a rotatividade para rebaixar os salários, ao mesmo tempo em que trabalhadores devem estar sendo contratados para exercerem funções aquém da sua formação e de suas competências (Tabelas 5 e 6).

Tabela 4

Saldo (admitidos menos desligados) do emprego formal, por subsetores de atividade, na indústria de transformação do Brasil e do RS — jan.-jun./10

SUBSETORES E TOTAL	BRASIL		RS	
	Acumulado	Varição do Emprego (%)	Acumulado	Varição do Emprego (%)
Produtos minerais não metálicos	17 345	4,68	1 012	5,72
Metalúrgica	53 246	7,31	6 360	9,71
Mecânica	31 710	6,27	5 350	8,35
Material elétrico e de comunicação	18 536	7,11	1 639	9,55
Material de transporte	37 245	7,39	5 204	11,31
Madeira e mobiliário	19 584	4,45	2 646	5,13
Papel, papelão e editorial	9 538	2,45	901	3,11
Borracha, fumo, couros	30 577	9,66	13 311	27,03
Química, produtos farmacêuticos e veterinários	32 392	4,31	3 446	7,13
Têxtil e vestuário	51 477	5,28	3 059	8,75
Calçados	37 516	11,69	9 794	8,69
Produtos alimentícios e bebidas	54 982	2,96	123	0,09
TOTAL	394 148	5,31	52 845	7,89

FONTE: CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS — CAGED.

Tabela 5

Movimentação do emprego formal, por faixa salarial mensal, na indústria de transformação, no Brasil e no RS — jan.-jun./10

FAIXAS SALARIAIS E TOTAL	BRASIL			RS		
	Admitidos	Desligados	Saldo	Admitidos	Desligados	Saldo
Até 0,5 SM	15 329	6 423	8 906	2 856	1 173	1 683
De 0,51 a 1,0 SM	298 574	185 382	113 192	23 088	12 962	10 126
De 1,01 a 1,5 SM	1 073 918	859 661	214 257	147 875	111 071	36 804
De 1,51 a 2,0 SMs	376 942	303 586	73 356	32 307	26 568	5 739
De 2,01 a 3,0 SMs	172 250	173 931	-1 681	16 584	16 335	249
De 3,01 a 4,0 SMs	56 015	59 686	-3 671	4 720	5 251	-531
De 4,01 a 5,0 SMs	23 033	26 823	-3 790	1 838	2 187	-349
De 5,01 a 7,0 SMs	21 086	24 003	-2 917	1 435	1 960	-525
De 7,01 a 10,0 SMs	12 337	14 169	-1 832	759	1 058	-299
De 10,01 a 15,0 SMs	6 298	8 465	-2 167	322	541	-219
De 15,01 a 20,0 SMs	2 151	3 176	-1 025	104	170	-66
Mais de 20,0 SMs	2 535	4 204	-1 669	163	215	-52
Ignorado	8 186	4 997	3 189	752	467	285
TOTAL	2 068 654	1 674 506	394 148	232 803	179 958	52 845

FONTE: CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS — CAGED.

Tabela 6

Movimentação do emprego formal, por faixa de escolaridade, na indústria de transformação, no Brasil e no RS — jan.-jun./10

FAIXAS DE ESCOLARIDADE E TOTAL	BRASIL			RS		
	Admitidos	Desligados	Saldo	Admitidos	Desligados	Saldo
Analfabeto	13 201	23 047	-9 846	824	571	253
Até cinco anos incompletos	98 132	101 559	-3 427	7 175	5 418	1 757
Cinco anos completos do fundamental	102 849	89 062	13 787	10 756	9 121	1 635
Seis a nove anos incompletos do fundamental	252 221	215 673	36 548	46 966	38 983	7 983
Fundamental completo	337 408	289 885	47 523	47 147	37 435	9 712
Médio incompleto	253 325	204 445	48 880	31 920	24 060	7 860
Médio completo	877 275	645 026	232 249	73 517	53 136	20 381
Superior incompleto	55 895	45 399	10 496	9 352	7 350	2 002
Superior completo	78 348	60 410	17 938	5 146	3 884	1 262
Mestrado	0	0	0	0	0	0
Doutorado	0	0	0	0	0	0
Ignorado	0	0	0	0	0	0
TOTAL	2 068 654	1 674 506	394 148	232 803	179 958	52 845

FONTE: CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS — CAGED.



Os resultados alcançados pelo emprego formal no mês de julho de 2010 contribuem para firmar a expectativa de uma trajetória de crescimento sustentado. No Brasil, registrou-se, no mês de julho, a adição de 181.796 postos (crescimento de 0,53% frente ao mês anterior), o que só foi superado pelos meses de julho de 2008 e de 2004. Todos os setores de atividade econômica alcançaram desempenho positivo, sendo que os setores de serviços, da indústria de transformação e da construção civil foram os destaques em termos de números absolutos. A indústria de transformação respondeu pela criação de 41.530 empregos (0,53% frente ao mês anterior), o segundo melhor resultado para período, observando-se retração em um segmento (borracha, fumo e couros), possivelmente por efeitos sazonais. No RS, o comportamento do emprego formal exibiu um novo recorde para o período, com a geração de 9.669 empregos em julho (0,42% frente ao mês anterior), uma expansão que se deveu principalmente ao crescimento nos setores de serviços, da indústria de transformação e da construção civil. A indústria de transformação respondeu por 2.449 postos (0,34% frente a junho), com três segmentos com

sinais negativos, visivelmente o da borracha, o do fumo e o de couros.

A economia brasileira retomou os resultados positivos no início do segundo semestre, após um fraco desempenho registrado no segundo trimestre. A produção industrial do Brasil voltou a crescer no mês de julho, depois de três meses de redução, registrando alta de 0,4% frente a junho. Diante de igual período de 2009, a produção industrial subiu 8,7%, no mês consecutivo, com variação positiva. Os números de julho indicam que a indústria está crescendo em um ritmo positivo, embora mais moderado do que o ritmo do início deste ano.

A perspectiva para o mercado de trabalho formal está fundamentada na realidade do crescimento econômico do País nesse ano que, provavelmente, conforme vários analistas, será menos vigoroso do que aquele projetado com a taxa média do primeiro trimestre, mas ainda será significativo. No entanto, se o crescimento econômico é condição para a geração de novas oportunidades, não é suficiente para garantir a qualidade dos postos, como mostrou o exame dos dados do CAGED. A ampliação do emprego no Brasil e no RS tem se restringido às faixas de salário inferiores, privilegiando

os indivíduos com níveis de escolaridade mais elevados, evidenciando uma distorção do mercado de trabalho na atual conjuntura.

Referências

ABICALÇADOS. **Antidumping será estendido a outros países**. Novo Hamburgo: [s. n.], 18 ago. 2010. Disponível em: <<http://www.abicalcados.com.br>>. Acesso em: ago. 2010.

CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS — CAGED. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2009-2010.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER — FEE. Desempenho da Economia 2009. In: PIB RS. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br>>. Acesso em: jul. 2010.

IBGE. **Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: ago. 2010.

IBGE. **Pesquisa Industrial Mensal/Produção Física — PIM/PF**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: ago. 2010.

IBGE. Diretoria de Pesquisa. Coordenação de Contas Nacionais. **Sistema de Contas Nacionais**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: ago. 2010

